

# UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA SOBRE *COACHING* EDUCACIONAL E AFETIVIDADE

*A PSYCHOPEDAGOGICAL APPROACH ON EDUCATIONAL COACHING AND AFFECTIVENESS*

*UN ENFOQUE PSICOPEDAGÓGICO DEL COACHING EDUCATIVO Y LA AFFECTIVIDAD*

Bruna Caroline de Macedo<sup>1</sup>  
Dinamara Pereira Machado<sup>2</sup>

## Resumo

A pesquisa aborda a temática do *coaching* educacional e da afetividade como metodologia para potencializar o processo de aprendizagem. Objetiva-se a compreensão da importância do autoconhecimento e do afeto na relação professor-aluno. O presente trabalho é embasado em pesquisa qualitativa, a partir de materiais publicados em livros, revistas e artigos científicos, pesquisa bibliográfica e interpela as teorias cognitivas clássicas, construtivismo e sociointeracionismo, os fundamentos do *coaching* educacional, a concepção de motivação e afetividade, as características da interação em sala de aula. Discute-se, assim, a importância da parceria de trabalho entre o professor e psicopedagogo, no intuito do sucesso de aprendizagem com a atuação do psicopedagogo.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Coaching educacional. Afetividade. Comportamento. Relação professor-aluno.

## Abstract

This research addresses the theme of educational coaching and affectivity as a methodology to enhance the learning process. The objective is to understand the importance of self-awareness and affection in the teacher-student relationship. This study is based on qualitative research from materials published in books, journals, and scientific articles, as well as bibliographic research. It engages with classical cognitive theories, constructivism, and socio-interactionism, the foundations of educational coaching, the concept of motivation and affectivity, and the characteristics of classroom interaction. It discusses the importance of the collaborative work partnership between the teacher and the educational psychologist, aiming for successful learning outcomes with the involvement of the educational psychologist.

**Keywords:** Learning. Educational coaching. Affectivity. Behavior. Teacher-student relationship.

## Resumen

La investigación aborda el tema del *coaching* educativo y la afectividad como metodología para potenciar el proceso de aprendizaje. Se pone como objetivo la comprensión de la importancia del autoconocimiento y el afecto en la relación profesor-alumno. El presente trabajo está basado en investigación cualitativa, a partir de materiales publicados en libros, revistas y artículos científicos e investigaciones bibliográficas, e interpela las teorías cognitivas clásicas, el constructivismo y el sociointeraccionismo, los fundamentos del *coaching* educativo, la concepción de motivación y afectividad y las características de la interacción en el aula. De ese modo, se discute la importancia del trabajo conjunto entre el docente y el psicopedagogo, con miras al aprendizaje exitoso con la actuación del psicopedagogo.

**Palabras clave:** aprendizaje; coaching educativo; afectividad; comportamiento; relación profesor-alumno.

## 1 Introdução

---

<sup>1</sup> Bacharela em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: demacedobruna@gmail.com

<sup>2</sup> Professor no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: dinamara.p@uninter.com

Na sociedade contemporânea, têm-se o conhecimento de que, no âmbito escolar, inúmeros desafios são encontrados no decorrer do cotidiano. Compreendemos que o maior desafio encontrado é a realização do processo de aprendizagem. Realizar a docência e atingir o sucesso da aprendizagem daquilo que é ensinado para com os alunos a fim de melhorar a educação é um desafio para todos os professores diante do avanço da produção da ciência na área cognitiva.

O comportamento humano tem direcionado os estudos quanto ao entendimento de perfil e aquisição de habilidades necessárias para a construção de relacionamentos considerados saudáveis, e, à dimensão afetiva do indivíduo, esta apresenta-se de forma indispensável para o processo de aprendizagem, salientando a emoção como motivação do aluno para com a ação de aprender.

Frente ao exposto, aponta-se como o problema de pesquisa: qual a relevância do *coaching* educacional e da afetividade no processo ensino-aprendizagem? Tem-se, assim, os seguintes objetivos: a compreensão, na perspectiva psicopedagógica, da influência da relação entre professor e o aluno na aquisição do saber, tendo como enfoque um aprimorar da concepção de dinâmica e do processo de aprendizagem; a reflexão sobre quem são os alunos, o desenvolvimento deles e, principalmente, como abordar a aprendizagem para eles para sua participação no trabalho cotidiano escolar, ou seja, almeja-se uma educação de qualidade, de forma a aplicar ferramentas que promovam experiências, respeitando as particularidades de cada escola, de cada aluno e de cada professor. Tem-se, ainda, como objetivos específicos: apresentar as características gerais das abordagens cognitivas clássicas; orientar quanto a necessidade de preparo do professor; ressaltar a importância da afetividade na aquisição de aprendizagem; o papel do professor e psicopedagogo diante do desenvolvimento do indivíduo.

Os agentes percursores do processo de aprendizagem devem ser respaldados organizacionalmente, pedagogicamente e emocionalmente. Aos discentes e docentes, prioriza-se a promoção de situações de curiosidade, criatividade, persistência, prudência, integridade, afetividade, autorreflexão e autoconhecimento. Apresenta-se um investimento social e educacional que prediz o sucesso e a excelência do processo de desenvolvimento integral do indivíduo, a partir das premissas de inovação de práticas e apresentação de alternativas para ambientação.

## **2 Metodologia**

A modalidade de desenvolvimento destacada para a elaboração do presente trabalho foi: pesquisa bibliográfica; a partir de materiais publicados em livros, revistas, e artigos científicos. Os recursos citados proporcionaram revisão bibliográfica, em que a coleta de informações, a respeito do problema gerado, envolto as características da aquisição da aprendizagem, o posicionamento do docente e a importância de diferentes ferramentas no que diz respeito ao sucesso da aprendizagem no campo educacional geraram uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Para execução do presente trabalho, foram reunidas bibliografias referentes ao tema *Coaching* Educacional e Afetividade. Estabelece-se o uso de fontes impressas e on-line, tateando como estratégia: palavras-chaves, frases, autores e títulos. Como tipo de pesquisa, em sequência do levantamento sobre o tema do projeto, o trabalho embasou-se em pesquisa qualitativa, uma vez que visou entender o princípio específico em profundidade.

### **3 Revisão bibliográfica/Estado da arte**

No decorrer da história da educação, diversas teorias de aprendizagem foram elaboradas, dentre elas, existem as abordagens cognitivas clássicas: o construtivismo de Piaget e o sociointeracionismo de Vygotsky e Wallon; deparamo-nos, também, com etapas de desenvolvimento e, cada etapa, foram determinadas características físicas, emocionais e intelectuais. A partir das formulações de Piaget (*construtivismo*), Vygotsky (*sociointeracionismo*), Wallon (*afetividade*) e Burchard (*coaching e alta performance*), principais referências para com esta teoria, diversos foram os estudos envoltos à aquisição de aprendizagem, afetividade e ferramentas de alta performance.

Na perspectiva do construtivismo, trata-se a epistemologia genética, onde o conhecimento se constrói pouco a pouco, acontece no interior do indivíduo, de forma a exteriorizar-se, e não é cumulativo. Piaget apresenta os estágios de desenvolvimento (sensório-motor: dezoito meses até dois anos; operatório concreto: dois a onze anos; e operatório formal: onze a doze anos). O postulado aponta que, quando um dado novo é assimilado à estrutura mental já existente, faz-se uma acomodação, uma mediação, ou seja, a aquisição do conhecimento cognitivo ocorre por estímulos, em que a relação com as pessoas e objetos são os estímulos externos. O aspecto de desenvolvimento afetivo-emocional apresenta a forma particular de o indivíduo integrar suas experiências; o sentir. A inteligência se desenvolve no indivíduo por meio de interações sociais, que, em geral, são negligenciadas. Sobre a afetividade, Piaget *apud* Tognetta (2004) afirmava:

É como se fosse a gasolina do motor, ou seja, o que nos leva a conhecer é a motivação interna, a dimensão de valor que projetamos em determinada ação ou objeto. Assim, os sentimentos e as emoções nutrem-se do efeito que causam no outro (Tognetta, 2004, p. 107).

A abordagem do processo dialético é feita por Vygotsky, que destaca a dupla natureza do ser humano, com os conceitos fundamentais de interação social, funções psicológicas superiores e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Vygotsky enfatiza a mediação entre indivíduo e ambiente e os signos, a interação com o outro, a qualidade das intervenções, e o processo intrapessoal. Assim, a ação e o discurso do outro provoca modificações.

Em suma, o indivíduo é membro de uma espécie biológica que se desenvolve apenas no interior de grupo cultural, conhecimento que se constrói de forma compartilhada. A criança se apropria da experiência social e a internaliza. As habilidades, capacidades e aptidões se formam ao longo da história por meio da atividade humana e são transmitidas de geração em geração, tanto na forma material quanto intelectual. O que diferencia o ser humano de outros animais são suas formas de ação, que emergem das relações sociais, tornando-o um agente ativo que age sobre o mundo. A mediação desempenha um papel crucial ao facilitar o acesso aos objetos de conhecimento, por meio dos recortes do real operados pelos sistemas simbólicos.

No contexto da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é importante considerar que existe o desenvolvimento real da criança e o seu potencial para adquirir a capacidade de resolver problemas. Nesse cenário, o papel do professor é atuar como um facilitador, fornecendo apoio e orientação durante o processo de desenvolvimento da ZDP.

O desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura, a objetivação do homem e o conseqüente desenvolvimento do indivíduo e a transformação permanente do mundo (Bock; Furtado; Teixeira, 2008, p. 141).

Por sua vez, Wallon apresentou as dimensões genética e organicamente social da inteligência; a psicogênese da pessoa em completude, o caráter cognitivo, afetivo e motor, isto é, englobou as tendências hereditárias e imitação como relações “exteriores”, destacou a importância das emoções. Os estágios de desenvolvimento expostos por Wallon são cinco: impulsivo emocional (primeiro ano de vida); sensório motor e projetivo (até três anos); personalismo (três a seis anos); categorial e predominância funcional.

Sobre a relação professor-aluno e escola, Wallon se fundamenta na possibilidade de desenvolvimento como um todo, porque mediador e meio trabalham com os conjuntos cognitivo, motor e afetivo. Para o autor, o professor deve considerar a história do aluno, as demandas atuais e as perspectivas para ele, e enfatiza que a afetividade precede a inteligência,

remetendo-nos à ideia de que o aluno tem facilidade de aprendizagem quando “gosta” do professor.

Tratando a promoção da educação, compreende-se a existência de duas instituições, escola e família, o que apresenta a noção de que a educação possui vínculos com a economia, a cultura e a política, ou seja, o processo é integrado à realidade social, são interdependentes. Mediante estes e demais postulados sobre a educação, interpreta-se que existem sete aspectos que influenciam a aprendizagem escolar e que devem ser trabalhados na vida das crianças, uma combinação coordenada de fatores diversos: genéticos; neurobiológicos; psicoemocionais; socioculturais; pedagógicos; institucionais; e, familiares.

É concreto que todos os indivíduos têm aptidão para aprender. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, especificamente no artigo 26, defende o direito à educação de todos os indivíduos. O texto da Declaração afirma que "todo ser humano tem direito à instrução" (ONU, 2004, p. 14), o que é considerado uma condição fundamental para o desenvolvimento do indivíduo.

O *coaching* é interpretado como uma metodologia interativa e transparente, que considera objetivos e utilização de próprios recursos e habilidades, um processo embasado no diálogo socrático e na maiêutica, sendo, assim, investigativo. Burchard (2018), por sua vez, oferece uma gama de insumos para uma referida aprimoração, norteando o desenvolvimento de habilidades, comportamentos e atitudes que mobilizam o trabalho do *coaching*. Nesse sentido, aplica-se a proposta no campo educacional. O objetivo do *coaching* educacional é dar suporte aos profissionais da escola, incluindo o psicopedagogo, para conectar-se ou reconectar-se com a profissão/missão de educador, com a escola, com seus colegas de profissão e com seus alunos, buscando uma alta performance e facilitando o trabalho com a afetividade.

O *coaching* tem como objetivo maximizar o potencial do indivíduo, nos âmbitos pessoal e profissional, trabalhando foco, ação, resultados e melhoria contínua. O processo possui várias vertentes, que podem ser agrupadas em nichos. No âmbito da educação, o *coaching* esmiúça a missão da educação: preparar indivíduos, adequando o conhecimento para o desenvolvimento como membros da sociedade, bem como a apropriação e compreensão de si.

O *coaching* educacional é uma vertente direcionada à contribuição ao desenvolvimento da aprendizagem, tanto para docentes quanto para demais indivíduos que compõem o corpo escolar. Também abrange o trabalho com o socioemocional de crianças e adolescentes. Em outras palavras, é uma metodologia que trabalha com alunos, professores e comunidade escolar em sua totalidade. O diálogo entre educador e indivíduo, como também as informações

acumuladas pelo indivíduo, são contextualizados como recursos de *coaching*; cabe ao educador reputar mudanças e descobertas do indivíduo.

O *coaching* educacional visa proporcionar ao educador ferramentas de discurso, como retroalimentação e ressonância, liderança com base na autenticidade e promoção de transformação. Abordando procedimentos e didática, o *coaching* educacional transfere a filosofia e conceitos de recursos humanos para a instituição escolar. Isso significa que o *coaching* educacional pode ajudar a melhorar o rendimento, a resolução de conflitos, o domínio emocional, a liderança, a relação entre docentes e discentes, a automotivação, a autoestima e a compreensão da implicação do discente nos fatos educativos.

[Ele] se autoconhece. É competente na gestão de suas emoções, utilizando-se da inteligência emocional. Apoia as pessoas a fazerem e conquistarem metas e objetivos e uma vida extraordinária. É um mestre nos relacionamentos e nas comunicações intra e interpessoais. Possui conhecimentos, habilidades e atitudes para apoiar na transformação e na mudança humanas. Ajuda as pessoas a verem além do que são hoje, para enxergarem o que elas querem se tornar amanhã (Faria, 2020, p. 55).

Para os professores, é nítida a necessidade de trabalhar o desenvolvimento de habilidades-chave. Uma alta performance impulsiona o êxito do processo ensino-aprendizagem, com a realização de atividades que apresentam resultados satisfatórios, engajamento de sucesso e empoderamento.

O *coaching* educacional incita a alta performance, o reconhecimento de forças e virtudes, competências, habilidades e pontos fracos, como inteligência emocional e social, planejamento, organização, autoconhecimento para desenvolvimento potencial. A alta performance dimensiona-se em: clareza (personalidade, objetivos e capacidades); energia (metodologia, produtividade e motivação — desempenho no desenvolvimento, compreensão/curiosidade, responsabilidade social/propósito, prazos reais); influência; e coragem.

Interpreta-se que é extremamente significativo ao professor a oferta de suporte para a lida dos percalços diários da profissão, como perda de conexão com a profissão, problemas de infraestrutura, falta de apoio ou reconhecimento, baixo interesse dos alunos, indisciplina, entre outros. É necessário que o professor aprenda a elevar ao máximo o potencial do próprio cérebro. A metodologia ainda proporciona o uso da ferramenta “afetividade” no processo ensino-aprendizagem com mais propriedade e autoridade, uma vez que o profissional é estimulado a colocar-se no lugar do outro, a fim de compreender a perspectiva do outro, compreendendo até o limite daquele, findando a promoção do respeito e habilidades que promoverão o desenvolvimento escolar, realizando comunicação, reflexões e escuta ativa.

Espera-se que o professor, a partir da vertente do *coaching* educacional, faça o diagnóstico de seu perfil e dos indicadores de aprendizagem e rememore quem precisa da sua melhor performance: os alunos, que esperam e valorizam a alta performance do professor. Sobre as características do âmbito escolar, destaca-se a educação, a escola, a aprendizagem, a formação de professores, as mudanças e as adaptações de conteúdos curriculares, as metodologias de ensino, as questões sociais e as dificuldades de aprendizagem. Assim, se faz necessária a compreensão do processo de aprendizagem; níveis e influência do meio.

O professor-*coach*, aquele que reconhece as particularidades do *coaching* em sua prática de trabalho, estabelece a integração de seu conhecimento com o do aluno e constrói coletivamente o saber, promovendo o processo de fora para dentro e de dentro para fora; correlaciona disciplinas e objetivos dos indivíduos em questão, orientando-se pelo currículo e perspectiva de vida destes; trabalha as dimensões de cognição, emoção e intuição; foca no desenvolvimento integral e trata a avaliação multidirecional (professor x aluno; aluno x autoavaliação). Deve-se analisar, nesse contexto, como o indivíduo em sala de aula aprende, a forma como processa informações e aquilo que envolve o processo ensino-aprendizagem.

A atividade mental que qualifica a aprendizagem apresenta processos de pensamento, emoção, memória, motricidade, mediação e conhecimentos prévios. Sendo um processo natural, formal ou informal, projeta-se a partir de histórias, crenças, valores e práticas em função da representação, construção e interação entre os indivíduos. Consiste em uma mudança de comportamento obtido pela experiência, sendo esta construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, resultantes da interação de estruturas mentais e meio ambiente, visto que cada experiência acrescenta novos saberes, e são estes que trazem mudanças de comportamento.

Uma estratégia para promoção de aprendizagem é a interação. Ela se desenvolve mediante a aquisição de conhecimentos transmitidos historicamente por meio da mediação, que desperta processos internos de desenvolvimento que só ocorrem com a interação com outras pessoas. A experiência, a interação entre alunos e as relações afetivas, como conversas, brincadeiras ou atividades orientadas, também são estratégias importantes para a promoção da aprendizagem, pois garantem a troca de comunicação e expressão, de atitudes, pensamentos e sentimentos.

A inteligência e afetividade não permanecem imutáveis. À medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. Destacando a pesquisa de Wallon:

A inteligência para ele, surge depois da afetividade, de dentro dela é conflitante com ela, pensamento que talvez nos explique por que os alunos aprendem mais quando “gostam” do professor. Por isso, nutrir a inteligência incorre em primeiro alimentar a afetividade, não aceitando a possibilidade de haver um ponto terminal para a inteligência, haja vista que os processos mentais superiores são indeterminados. (Piletti; Rossato, 2014, p. 104)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo para as redes de ensino, sugere que determinadas habilidades sejam desenvolvidas para o desenvolvimento integral do indivíduo, almejando a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, trazendo, assim, a perspectiva singular, plural e integral.

Em relação às dimensões consideradas, esclarece-se a dimensão social, intelectual, cultural e emocional. Respectivamente, considera-se a capacidade de agir como cidadão consciente e agente de transformação em questão de interesse coletivo, bem como a capacidade de valorizar, acessar, produzir e utilizar o conhecimento. As capacidades de construir identidade, pertencimento e sensibilidade para transitar por um mundo culturalmente diverso e a capacidade de lidar bem com emoções, sentimentos e relacionamentos também são consideradas.

O desenvolvimento se origina de duas fontes: das energias do próprio organismo, isto é, de suas potencialidades, e dos recursos do meio em que o organismo está imerso. O organismo, como processo dinâmico, vai se ajustando ao meio externo, para sobreviver, prosperar e realizar-se (Teles, 1995, p. 179).

As interações têm uma influência significativa no desenvolvimento, pois permitem à inteligência alcançar a coerência e a objetividade. Elas abrangem a percepção das coisas ao redor, propiciam o domínio da linguagem e a exploração do mundo. No entanto, nem todas as relações favorecem o desenvolvimento. Para que isso aconteça, é necessário que a relação seja cooperativa, o que pressupõe que não haja assimetria, mas sim trocas de pontos de vista, controle mútuo de argumentos e provas.

Em psicologia, o conceito de andaime é uma ferramenta importante para compreender a promoção do desenvolvimento. Elaborado a partir das teorias de Vygotsky, o “andaime” refere-se ao apoio fornecido por um membro mais experiente a um aprendiz, favorecendo atividades coletivas. O objetivo do andaime é induzir o aluno a analisar e refletir. Pesquisas de psicólogos soviéticos mostraram que as crianças aprendem mais facilmente se conversam sobre problemas. Isso ocorre porque o compartilhamento de ideias com outras pessoas pode ajudar as crianças a compreender conceitos complexos e a desenvolver novas maneiras de pensar.

Os pesquisadores descobriram que a criança aprende com maior rapidez quando a linguagem ao redor dela é mais rica. Um ambiente cultural e verbalmente rico é muito

importante para a inteligência das crianças, pois as ajuda a compreender adequadamente seu mundo (Teles, 1995, p. 168).

A aprendizagem é mudança de comportamento resultante da experiência, o que acontece dentro e fora da escola, tanto de forma sistemática, quanto assistemática. Tal processo depende de três elementos: a situação (estímulo); o indivíduo que aprende; e, a resposta, resultante da estimulação.

Menciona-se o apoio no processo, trazendo o adulto para com o aluno. Quando a criança, assume outro grau de autonomia e controle, o adulto, professor, se retira, ou seja, através da interação se fez conexão com o conhecimento já adquirido e os novos.

A terminologia “motivação” nos remete a “conjuntos de fatores, os quais agem entre si, e determinam a conduta de um indivíduo” (Mini Aurélio, 2001, p. 473). As variáveis da motivação são consideradas como o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Em relação à educação, a problemática trata de como envolver o aluno no interesse por aprender.

A motivação é o fator mais importante da aprendizagem; mas geralmente é também aquele que costuma merecer menos atenção dos professores. São três as funções dos motivos: ativar o organismo; dirigir o comportamento para um objetivo; selecionar e acentuar a resposta correta (Piletti, 1984, p. 74).

Apontando a motivação da aprendizagem, Maslow, com a sua teoria humanista, destaca sete conjuntos de motivos-necessidades, entre eles: necessidade de amor e participação, desejo de relacionar-se afetivamente com o outro, pertencimento a um grupo; e, necessidade de estima, valorização e reconhecimento.

A relação do indivíduo com as coisas e pessoas faz dele um ser emotivo. A emoção altera-o, e esta alteração é definida pelo afeto e paixão; mobiliza corpo e mente. Adaptativas, associam-se à aspectos positivos e negativos, dão sentido à vida, impactando na sobrevivência, na adaptabilidade, na sociabilidade, e a aprendizagem tem conexão com a atenção e memorização.

As emoções são nossa própria vida, uma espécie de linguagem na qual expressamos percepções internas; são sensações que ocorrem em resposta a fatores geralmente externos. (Bock; Furtado; Teixeira, 2008, p. 168)

A emoção orienta o motivo, abrangendo a ordem emocional e intelectual. Ela fornece informações sobre os estímulos, tanto exteriores quanto interiores. No contexto da aprendizagem, destacam-se as atividades e orientações que trazem bem-estar, mediante a

procura do indivíduo. Emoções exigem um trabalho com base na segurança, no cuidado e no conforto, a fim de abrir o caminho à cognição.

A afetividade é parte da subjetividade do homem e traduz a dinâmica das relações humanas. Wallon dimensiona a afetividade como conjunto de instrumentos psíquicos exteriorizados pela emoção, salientando que comprometimentos afetivos podem perturbar a funcionalidade cognitiva; o ser humano é geneticamente social.

Em seu sentido macro, a afetividade dimensiona a atenção, dedicação, carinho, comprometimento, sensibilidade, isto é, transcende à uma comunicação amorosa, em reconhecimento e aceitação. Interpreta-se como energia, aquela que possibilita e motiva a ação, funciona como combustível para a aprendizagem, auxilia a criança na prática das ações, na decisão, em questão, decidir a aprender.

Na vertente da educação, a afetividade está ligada ao objeto do saber, ao valor, o propósito que oriunda o esforço para a construção do processo. É através das relações que é nos ensinado, de forma igualitária, o contato com as formas de viver e pensar.

A escola geralmente dá mais importância ao desenvolvimento intelectual do que aos outros aspectos. Mas, principalmente em regiões desfavorecidas, cabe à escola suprir as deficiências da comunidade e contribuir para o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos. Isso é importante na medida em que o desenvolvimento humano se faz de forma integral e global, envolvendo todos os aspectos. O desenvolvimento intelectual poderá ser prejudicado, se não houver o desenvolvimento concomitante dos outros aspectos (Piletti, 1984, p. 24).

O sucesso e insucesso do processo de aprendizagem dependem da qualidade da relação professor-aluno. Têm-se o professor como mediador deste processo, os alunos como sujeitos participativos, e a escola como ambiente de construção de relacionamentos estabelecidos entre o indivíduo e outrem envolto ao autoconhecimento.

As crianças só se desenvolverão bem caso o clima institucional esteja em condições de proporcionar-lhes segurança, tranquilidade e alegria. Adultos amigáveis, que escutam as necessidades das crianças e, com afeto, atendem a elas, constituem-se em um primeiro passo para criar um bom clima. As crianças precisam ser respeitadas em suas diferenças individuais, ajudadas em seus conflitos por adultos que sabem sobre seu comportamento, entendem suas frustrações, possibilitando-lhes limites claros. Os adultos devem respeitar o desenvolvimento das crianças e encorajá-las em sua curiosidade, valorizando seus esforços (Brasil, 1998, vol. 1, p. 66).

O trabalho com a afetividade desdobra-se em atitudes cotidianas, de forma a descaracterizar o individualismo e autoritarismo. Para cativar seus alunos, os professores devem fazer uso de ferramentas que diferem da autoridade; sua inteligência e afetividade, afinal, a instituição educacional oferece a ampliação das relações, antes basicamente familiares.

Para que a cultura da afetividade seja trabalhada em sala de aula, aquele deve embasar sua prática pedagógica em um processo dinâmico, lúdico, interessante e significativo, considerando as particularidades da criança, encontrando estímulos de aprendizagem para cada, de forma que se adequará ao desenvolvimento do pensamento e aumentará seu rendimento.

Na interação social, reagimos de maneiras diferentes a diferentes estímulos físicos e sociais: há pessoas que nos atraem e outras que nos afastam. Da mesma forma, na sala de aula, o professor e os alunos reagem de maneiras diferentes uns em relação aos outros. O professor não é neutro, mas participa como pessoa, da dinâmica das relações sociais que se estabelecem na classe. (Piletti, 1984, p. 86)

É necessário trabalhar com estímulos, contato, reconhecimento, estrutura, incidentes e motivação. A transmissão de conhecimento não deve ocorrer de forma arbitrária, estabelece-se o aprimoramento e reflexão sobre os conhecimentos já assimilado. Trabalha-se, assim, a formação da responsabilidade social, ensinar o exercício da cidadania e garantir o sucesso do aluno na trajetória escolar.

Quando proporcionamos momentos em que as crianças possam manifestar sentimentos em sala de aula, em propostas de desenho, ou mesmo de escritas que expressem estados de ânimo, seus gostos, do que não gosta, suas maiores aspirações e seus desencantos estamos proporcionando as mesmas oportunidades: “o que eu sinto é tão importante que precisa ser representado. O que eu sinto é tão importante que até minha professora proporciona momentos para que eu possa falar de mim”. Desenhar, falar, escrever sobre o que sente são formas de representação capazes de possibilitar a tomada de consciência, o poder do autodomínio (Tognetta, 2004, p. 119).

Sobre o conhecimento a ser ministrado, espera-se que se propicie experiências, com o intuito de transformar as informações em conhecimento, pois é por meio da experiência que as informações são registradas.

De acordo com a “pirâmide de aprendizagem”, elaborada por William Glasser, o processo de aprendizagem se dá principalmente por meio da socialização. Isso ocorre porque, ao escutar, observar, conversar, perguntar, repetir, relatar, numerar, reproduzir, lembrar, debater, nomear, expressar, comunicar, demonstrar e explicar, estamos nos relacionando com outras pessoas e compartilhando experiências.

Além disso, Glasser ressalta que o desenvolvimento da inteligência é estimulado pela emoção e pelos pensamentos. Ao educar a emoção, o professor ajuda o aluno a pensar antes de reagir, a não temer o novo e a trabalhar com fatos lógicos e problemas concretos. Para isso, é importante que o professor tenha uma formação adequada e que utilize recursos metodológicos que sejam significativos para os alunos.

O papel do psicopedagogo, sendo este o profissional que trabalha com o desenvolvimento, as dificuldades e os problemas, é modificar concepções e ampliar conhecimentos, compreender o processo de aprendizagem, considerando os pensamentos, os sentimentos e as ações mediante o meio e as influências dele, sobre aquele, ou seja, a avaliação do psicopedagogo apresenta o indivíduo que aprende, e, o indivíduo que ensina, respectivamente, aluno e professor.

O trabalho é preventivo, quando: há adequação de condições para o processo, de forma a evitar comprometimentos; e, clínico, remediativo, que visa trabalhar com o desaparecimento do sintoma que interfere na aprendizagem, almeja a melhoria de condições ante diagnóstico.

A sala de aula se torna um ambiente de manifestações de comportamentos das crianças. Espera-se que o psicopedagogo trabalhe com o professor na tarefa de reconhecer o aluno, trabalhar a percepção, para extirpar o déficit de estímulos para o sucesso de aprendizagem do aluno. As manifestações necessitam de tradução, existe uma mensagem interior, e é nesta perspectiva que o psicopedagogo auxilia o trabalho do professor, que assume o papel de observador. E aquelas, caracterizam a ação de estar, por exemplo: estar agressivo.

Um bom profissional de educação, além de ensinar, providência estímulos e dá significado ao aprendizado.

## **5 Considerações finais**

A educação é afixa do desenvolvimento e socialização, o professor, agente mediador que ministra o conhecimento, tem papel de grande influência no comportamento dos alunos. A instituição escolar promove a interação entre os alunos, professores e demais profissionais do espaço; a aprendizagem se oriunda de trocas e interações, uma ação social que se dá pelo coletivo. Este mediador de educação deve ter competências e habilidades técnicas, emocionais e comportamentais aprimoradas, de forma a reconectar-se à sua profissão, para assim lapidar sua didática em função da necessidade de direcionamento do aluno para com o processo de aprendizagem. Assim, ressalta-se a importância do trabalho de *coaching* educacional, bem como a integração entre os papéis professor e *coach*.

De acordo com os pilares da educação da UNESCO, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a conhecer, um meio estimulante e que oportuniza experiências propicia a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da inteligência e a adaptabilidade. Diante da perspectiva afetiva, enfatizando que o processo de aquisição de aprendizagem deve ser prazeroso, o professor apoiar-se-á na didática e relação interpessoal, refletindo seu trabalho

em uma prática flexível e democrática, com a colaboração do psicopedagogo, para o qual a afetividade é interpretada como elemento facilitador.

A emoção, diretamente ligada com a afetividade, serve de condutora à cognição por meio da dimensão de significação. De forma que as emoções mobilizam a mente e corpo do indivíduo, o aluno, em questão, então, mobiliza a atenção, percepção e memória; a emoção impulsiona a criança à ação de aprender. Além de dar pistas sobre o posicionamento do aluno para com a postura do professor e rotina escolar.

A contribuição da Psicopedagogia direciona-se a dois aspectos: compreensão do aluno, características individuais e desenvolvimento, este integral; e, compreensão do processo de ensino-aprendizagem, como funciona, fatores de eficácia e ineficácia. Além da compreensão do trabalho do professor, relacionando-se de forma global com o aluno, aquele ultrapassa o papel de transmissor de conhecimento, torna-se o exemplo adulto. O trabalho dos psicopedagogos caracteriza-se pela prevenção, diagnóstico e tratamento de problemas envoltos a aprendizagem escolar.

No campo institucional, o trabalho é interdisciplinar. É estabelecido um trabalho de integração entre os profissionais, almejando-se o sucesso no trato com dúvidas, desafios, superações e limitações do indivíduo. Através da aproximação e compartilhamento de informações, resultados são obtidos, sendo o objetivo primordial o desenvolvimento integral do aluno. A já mencionada tradução refere-se à análise e estudo aprofundado sobre gestos, gostos e favoritismos.

É necessário o ministrado do conhecimento além do conteúdo pedagógico. Diante da falta de afetividade para com a criança, orientações de vida se tornam uma necessidade. A afetividade é propícia para a percepção do favoritismo de aprendizagem, a forma como a criança assimila o conteúdo, além de ser meio condutor para explorar as dificuldades de aprendizagem, a origem do insucesso. Reconhecendo a criança como ser humano, suas particularidades e interpretando seus sinais, o equilíbrio psicológico é alcançado; o trabalho é pautado no conhecimento através do desenvolvimento psicológico e necessidades do aluno, com o intuito de atingir o sucesso de desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

Na sala de aula, não se deve homogeneizar a turma, os alunos são pessoas em desenvolvimento, o enfoque deve estar nas conquistas e vitórias individuais e não na limitação, é necessário a observação das características de cada aluno e conhecimento sobre o ambiente sociocultural em que estão inseridos, trabalhar com a aceitação das diferenças, estímulos à observação do processo de desenvolvimento como constante transformação e superação de desafios, e ascender a escola como lugar de aprendizagem, não o único, mas o privilegiado.

## Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008.

BURCHARD, B. **O poder da alta performance**: os hábitos que tornam as pessoas extraordinárias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC (Base Nacional Comum Curricular)**: Educação é a base. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Volume 1: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARIA, A. A. **O coaching e o neurocoaching**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 6 Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2001, 895 p.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 3. ed. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2023.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Ática, 1984.

PILETTI, N.; ROSSATO, S. M. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2014.

TELES, A. X. **Psicologia Moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Educação**: um tesouro a descobrir. 2010. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590\\_por/PDF/109590por.pdf.multi](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por/PDF/109590por.pdf.multi). Acesso em: 20 mar. 2022.